

Conhecimentos, Percepções e Lacunas Informativas sobre a Covid-19: Desafios e Estratégias Educativas em Saúde Pública

Knowledge, Perceptions, and Informational Gaps about COVID-19: Challenges and Educational Strategies in Public Health

Conocimientos, Percepciones y Brechas Informativas sobre la COVID-19: Desafios y Estrategias Educativas en Salud Pública

Anne Caroline Nascimento Silva Alves¹, Elisabete Alvarenga Pereira Rodrigues², Karen Paula Freitas Leandro³, Karen Valentino da Silva⁴, Letícia Vitória Mirilli de Paiva⁵, Natália Oliveira da Silva⁶, Diogo Jacintho Barbosa⁷

Como citar esse artigo. Alves, ACNS. |Rodrigues, EAP. Leandro, KPF. Silva, KV. Paiva, LVM. Silva, NO. Barbosa, DJ. Conhecimento, Percepções e Lacunas Informativas sobre a Covid-19: Desafios e Estratégias Educativas em Saúde Pública. Rev Pró-UniverSUS. 2025; 16(3):267-272.



Resumo

Objetivo: O principal objetivo deste estudo é avaliar os conhecimentos de profissionais da saúde, através de um formulário, sobre COVID-19. O foco está em conhecimentos básicos sobre infecção, prevenção e tratamento. Analisamos intervenções específicas, como medidas de controle, tratamentos, doses de vacinas e suas implicações. **Metodologia:** Foi utilizada uma abordagem qualitativa, com coleta de dados por meio de formulário online. A amostra incluiu 73 participantes selecionados com base em critérios como idade, gênero, categoria profissional, cor/raça e escolaridade, utilizando a ferramenta Google Forms, assim especificando cada categoria com análise de gráficos. O estudo seguiu protocolos éticos, garantindo anonimato e consentimento. **Resultados:** Os dados indicaram a partir de uma análise das respostas obtidas no formulário fornecido para os participantes da pesquisa, que a maior parte está ciente de como podem evitar essa contaminação, relataram que para se protegerem da Covid-19, é essencial o uso de EPI, fazer a higienização das mãos e vacinação para sua proteção. **Conclusão:** Após a análise dos dados, concluímos que a maioria dos participantes demonstra estar ciente das principais recomendações relacionadas à prevenção e controle da COVID-19, como o uso de máscaras, a vacinação e as medidas de distanciamento social.

Palavras-chave: COVID-19; Enfermagem, Imunização, Educação em Saúde, Promoção a Saúde.

Abstract

Objective: The main objective of this study is to assess the knowledge of health professionals, through a form, about COVID-19. The focus is on basic knowledge about infection, prevention, and treatment. We analyzed specific interventions, such as control measures, treatments, vaccine doses, and their implications. **Methodology:** A qualitative approach was used, with data collection through an online form. The sample included 73 participants selected based on criteria such as age, gender, professional category, color/race, and education, using the Google Forms tool, thus specifying each category with graph analysis. The study followed ethical protocols, ensuring anonymity and consent. **Results:** The data indicated from an analysis of the responses obtained in the form provided to the research participants that most of them are aware of how they can avoid this contamination, reporting that to protect themselves from COVID-19, it is essential to use PPE, perform hand hygiene, and get vaccinated for their protection. **Conclusion:** After analyzing the data, we concluded that most participants demonstrated to be aware of the main recommendations related to the prevention and control of COVID-19, such as the use of masks, vaccination and social distancing measures.

Key words: COVID-19; Nursing, Immunization, Health Education, Health Promotion.

Resumen

Objetivo: El objetivo principal de este estudio es evaluar el conocimiento de los profesionales de la salud, a través de un formulario, sobre el COVID-19. La atención se centra en los conocimientos básicos sobre infecciones, prevención y tratamiento. Analizamos intervenciones específicas, como medidas de control, tratamientos, dosis de vacunas y sus implicaciones. **Metodología:** Se utilizó un enfoque cualitativo, con recolección de datos a través de un formulario en línea. La muestra estuvo compuesta por 73 participantes seleccionados en base a criterios como edad, género, categoría profesional, color/raza y educación, utilizando la herramienta Google Forms, especificando así cada categoría con análisis gráfico. El estudio siguió protocolos éticos, garantizando el anonimato y el consentimiento. **Resultados:** Los datos indicaron a partir del análisis de las respuestas obtenidas en el formulario entregado a los participantes de la investigación que la mayoría de ellos están conscientes de cómo pueden evitar esta contaminación, informando que para protegerse del COVID-19 es fundamental el uso de EPP, realizar higiene de manos y vacunarse para su protección. **Conclusión:** Luego del análisis de los datos, concluimos que la mayoría de los participantes demostraron conocer las principales recomendaciones relacionadas con la prevención y control del COVID-19, como el uso de mascarillas, vacunación y medidas de distanciamento social.

Palabras clave: COVID-19; Enfermería, Inmunización, Educación para la Salud, Promoción de la Salud.

Afiliação dos autores:

¹Acadêmico de Enfermagem. Universidade Estácio de Sá. Email: aneacadenfermagem@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0082-0534>.

²Acadêmico de Enfermagem. Universidade Estácio de Sá. Email: beth.apr@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5889-365X>.

³Acadêmico de Enfermagem. Universidade Estácio de Sá. Email: adv.karenfreitas@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7770-3111>.

⁴Acadêmico de Enfermagem. Universidade Estácio de Sá. Email: karenvltkaka@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4207-6811>.

⁵Acadêmico de Enfermagem. Universidade Estácio de Sá. Email: leticia_1ele98@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3013-3721>

⁶Acadêmico de Enfermagem. Universidade Estácio de Sá. Email: nataliaos2000@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-9335-4321>.

⁷Pós-doutorando em Enfermagem (UFSCAR), Doutor em Enfermagem (UERJ), Mestre em Telessaúde (UERJ), Professor Auxiliar na Universidade Estácio de Sá. Email: jacinthobarbosa@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8816-1770>

* E-mail de correspondência: aneacadenfermagem@gmail.com

Recebido em: 16/01/25 Aceito em: 25/09/25

Introdução

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, surgiu uma nova cepa do Coronavírus chamada SARS-CoV-2, esse vírus causador da COVID-19, inicialmente responsável por infecções respiratórias, febre, tosse seca e persistente, além da perda do olfato e paladar, rapidamente se tornou uma ameaça global. As tentativas de conter a propagação do vírus falharam, permitindo que ele se espalhasse primeiro por toda a China e, em seguida, pelo mundo.¹

A transmissão ocorre principalmente pela inalação de gotículas de saliva e secreções respiratórias, bem como pelo contato com pessoas ou objetos contaminados, seguido de contato com as mucosas oral, ocular ou respiratória. A COVID-19, causada por uma variante inédita do Coronavírus em humanos, foi rapidamente declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma emergência de saúde pública de importância internacional, em 11 de março de 2020, a OMS caracteriza a COVID-19 como uma pandemia.²

No Brasil, estima-se que mais de 600.000 pessoas tenham perdido a vida desde o início da crise, o que inicialmente parecia inofensivo acabou por ceifar milhares de vidas e impactar negativamente a sociedade em diversos aspectos, incluindo os sociais, políticos, econômicos, históricos e culturais. Mesmo após quatro anos, a humanidade ainda busca se recuperar em cada uma dessas áreas, principalmente os países menos desenvolvidos e as populações economicamente vulneráveis seguem sendo as mais afetadas.³

Apesar de todo o impacto global, a COVID-19 ainda é um fenômeno recente, e a ciência continua em busca de novos estudos e respostas para enfrentá-lo de forma mais eficaz, embora vacinas já estejam disponíveis, novas variantes continuam a surgir, tornando crucial a vigilância contínua para evitar uma nova onda com um vírus ainda mais resistente.²

Sabendo que profissionais da saúde estão diretamente na linha de frente no cuidado de toda população, foram eles também afetados com todo o transtorno que foi a pandemia em diversos aspectos entre eles, sua saúde física e mental, nosso público participante serão todos esses profissionais, podendo ser eles que atuaram na linha de frente, com contato direto com os pacientes; aqueles que passaram a realizarem atendimento virtual e precisaram reestruturar a sua forma de atuação; os estudantes; e outros.³

Diante da relevância e do impacto global desta questão, estamos desenvolvendo uma pesquisa qualitativa exploratória utilizando um formulário com perguntas objetivas, selecionaremos um grupo alvo que são profissionais da área de atuação da saúde para estar participando para entender suas opiniões e

conhecimentos sobre o Covid-19.

Com base nestas premissas, o estudo teve por objetivos: identificar e analisar o conhecimento dos moradores de um bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro sobre COVID-19, pós-pandemia.

Metodologia

Este trata-se de um estudo desenvolvido a partir da metodologia qualitativa. Trata-se da fase pré-teste do estudo para a construção de um material didático para população sobre COVID-19, com vistas a promoção a saúde e o incentivo da imunização contra COVID-19.

Os participantes do estudo foram sujeitos com idade igual ou superior a 18 anos, que saibam ler ou escrever e que desejem participar do estudo de maneira voluntária. Foram excluídos do estudo, os sujeitos que não satisfizeram os critérios previamente estabelecidos. Nesta fase o estudo foi composto por duas etapas, a primeira com dados sociodemográficos dos sujeitos com objetivo de qualificá-los e a segunda através de uma entrevista semiestruturada.

O estudo foi submetido e aprovado no comitê de ética em pesquisa da Universidade Estácio de Sá, sobre CAAE: 73230823.1.0000.5284.

Resultados

Participaram deste estudo 73 sujeitos dos quais a variação da idade foi de 19 a 72 anos, com média de 37,97 anos. Conforme o gênero, 49 (67,1%) participantes se declaram do gênero mulher cisgênero 1 (1,4%) do gênero mulher transgênero, 9 (12,3%) homem cisgênero, 14 (19,17%) outros. A verificação referente a raça/cor 11 (15,3%) participantes se declaram Pretos, 33 (45,80%) Brancos e 28 (38,90%) Pardos. A análise do grau de escolaridade retornou 33 (45,80%) participantes apresentaram ensino médio completo, 1 (1,4%) ensino fundamental, 24 (33,30%) ensino superior, 5 (6,90%) mestrado, 3 (4,20%) doutorado, 6 (8,30%) pós-graduação. Foi excluído 1 participante do estudo por ter a idade abaixo de 18 anos.

A análise das respostas obtidas por meio do formulário aplicado aos participantes da pesquisa revelou os seguintes resultados: quando indagados sobre “O que é a Covid-19 e como ela se espalha?”, 6 participantes (8,21%) mencionaram que a transmissão ocorre por contato, sem especificar o tipo de contato. Por outro lado, 67 participantes (91,78%) identificaram a Covid-19 como um vírus transmitido por gotículas respiratórias.

Ao serem solicitados a responder sobre “O que pode ser feito para se proteger e evitar a transmissão para outras pessoas?”, 12 participantes (16,43%) destacaram

a importância de evitar contato físico e realizar a higienização das mãos, enquanto 61 participantes (83,56%) mencionaram o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), a higienização das mãos e a vacinação como medidas essenciais de proteção.

Com relação à vacinação, frente à pergunta “Você já foi vacinado? Quantas doses?”, as respostas foram distribuídas da seguinte forma: 1 participante (1,36%) relatou não ter recebido nenhuma dose; 1 (1,36%) tomou uma dose; 11 (15,06%) receberam duas doses; 16 (21,91%) tomaram três doses; 16 (21,91%) quatro doses; 22 (30,13%) cinco doses; e 5 (6,84%) seis doses.

Quando questionados sobre, “Você sabe quais são as formas de tratamento? Se sim, quais?”, 53 participantes (72,60%) relataram que o tratamento é predominantemente paliativo, com foco no controle de sinais e sintomas, sendo a internação indicada em casos de piora clínica. Outros 5 participantes (6,84%) mencionaram o uso de antibióticos como tratamento, 1 (1,36%) apontou a vacina como forma profilática, 3 (4,10%) afirmaram conhecer as formas de tratamento, mas não especificaram quais, enquanto 8 (10,95%) declararam não saber informar.

Discussão

A pandemia de Covid-19 trouxe à tona a importância da compreensão pública sobre a transmissão do vírus, medidas de prevenção e tratamento. Este estudo, que incluiu 73 participantes com idades variando entre 19 a 72 anos e uma média de 37,97 anos, buscou avaliar o nível de conhecimento e as práticas adotadas em relação à Covid-19. Os dados obtidos fornecem um panorama relevante sobre as percepções e comportamentos da população, permitindo uma reflexão mais aprofundada sobre a eficácia das estratégias de comunicação em saúde.

A amostra foi predominantemente composta por mulheres cisgêneras (67,1%), enquanto a diversidade de gênero apresentada pelos outros grupos, incluindo mulheres transgênero (1,4%) e homens cisgêneros (12,3%), indica uma inclusão necessária, embora pequena, da pluralidade de identidades. A variação racial/cor também merece destaque, com uma distribuição razoavelmente equilibrada entre Brancos (45,8%), Pardos (38,9%) e Pretos (15,3%).

A amostra foi predominantemente composta por mulheres cisgêneras (67,1%), indicando uma participação expressiva deste grupo na pesquisa, o que pode refletir uma maior disponibilidade ou interesse das mulheres em questões relacionadas à saúde pública, conforme identificado em estudos semelhantes sobre o engajamento populacional durante a pandemia. A inclusão de mulheres transgênero (1,4%) e homens cisgêneros (12,3%), embora numericamente limitada,

evidencia uma tentativa de capturar a pluralidade de identidades de gênero, o que é crucial para análises mais inclusivas e representativas. Pesquisas anteriores apontam que o impacto da Covid-19 pode variar significativamente em função de marcadores sociais, como gênero e identidade de gênero, influenciando tanto o acesso à informação quanto a adoção de medidas preventivas.⁴

Além disso, a variação racial/cor também merece destaque, com uma distribuição razoavelmente equilibrada entre Brancos (45,8%), Pardos (38,9%) e Pretos (15,3%). Este panorama racial é fundamental para avaliar como diferentes grupos percebem e enfrentam a pandemia, considerando que estudos têm evidenciado desigualdades raciais no acesso à informação e aos serviços de saúde, bem como na gravidade dos desfechos clínicos relacionados à Covid-19. Pesquisas realizadas em contextos semelhantes mostraram que populações negras e pardas frequentemente enfrentam maiores barreiras para acessar cuidados de saúde e podem estar mais vulneráveis devido a fatores como condições socioeconômicas e ocupacionais. Assim, a composição da amostra, apesar de suas limitações, oferece insights importantes sobre as relações entre gênero, raça/cor e o conhecimento sobre a Covid-19, apontando para a necessidade de estratégias de comunicação em saúde mais inclusivas e equitativas.⁵

Outro ponto relevante é a relação entre diversidade social e a resposta à pandemia. Estudos indicam que populações marginalizadas, como mulheres transgênero e indivíduos pertencentes a grupos raciais historicamente desfavorecidos, apresentam níveis distintos de percepção sobre os riscos da Covid-19, frequentemente associados à menor exposição a campanhas educativas eficazes.⁶ Essa lacuna informacional pode não apenas comprometer a adesão às medidas preventivas, mas também perpetuar desigualdades em saúde pública. Para mitigar esses desafios, torna-se imprescindível o desenvolvimento de intervenções comunitárias que considerem as especificidades culturais, linguísticas e sociais desses grupos, promovendo maior engajamento e equidade no enfrentamento da pandemia.⁷

Ao questionar os participantes sobre “O que é a Covid-19 e como ela se espalha?”, os resultados revelaram que 91,78% identificaram corretamente a Covid-19 como um vírus transmitido por gotículas respiratórias, enquanto 8,21% apresentaram respostas incorretas, mencionando a transmissão por contato sem especificar a forma. Esse elevado índice de respostas corretas pode ser atribuído à ampla disseminação de informações por parte de órgãos de saúde pública e campanhas educativas ao longo da pandemia. No entanto, a persistência de equívocos, mesmo em uma parcela menor, levanta a necessidade de avaliar a uniformidade dessas estratégias de comunicação e seu alcance em populações menos favorecidas ou com

menor acesso à informação.⁸

Apesar do sucesso geral das campanhas informativas, a presença de respostas errôneas reforça a importância de um planejamento educativo contínuo que contemple grupos populacionais vulneráveis e as lacunas existentes no conhecimento sobre a doença. Estudos apontam que fatores como baixa escolaridade, barreiras linguísticas e desinformação digital podem limitar o impacto das campanhas de saúde pública, deixando parte da população mais suscetível ao contágio e à propagação de informações equivocadas. Assim, a educação em saúde precisa ser acessível, culturalmente sensível e reforçada em contextos locais, a fim de atingir de maneira eficaz comunidades diversas.⁹

Além disso, o entendimento inadequado sobre a transmissão da Covid-19 pode ter implicações comportamentais importantes. A adoção de medidas preventivas, como o uso de máscaras e o distanciamento social, está diretamente relacionada à percepção correta do risco e das formas de contágio. Nesse sentido, a falha em compreender as vias específicas de transmissão do vírus pode levar a comportamentos negligentes, contribuindo para surtos localizados e aumento da carga sobre os sistemas de saúde. Esse cenário ressalta a necessidade de estratégias educativas que não apenas informem, mas também promovam a reflexão e o engajamento comunitário em ações preventivas.¹⁰

A persistência de informações erradas, ainda que em pequena escala, evidencia o papel contínuo dos profissionais de saúde e das instituições educacionais em atuar como disseminadores de conhecimento. O uso de tecnologias digitais, como redes sociais e plataformas de telessaúde, pode ser uma ferramenta poderosa para corrigir desinformações e ampliar o acesso à informação científica confiável. Além disso, pesquisas futuras devem investigar quais abordagens são mais eficazes na superação de barreiras informacionais e na promoção de um entendimento coletivo mais sólido sobre doenças emergentes como a Covid-19, contribuindo para um enfrentamento mais resiliente de futuras crises de saúde pública.¹¹ Quando indagados sobre as formas de proteção contra a Covid-19, 83,56% dos participantes salientaram o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), higienização das mãos e vacinação. Essa resposta indica um entendimento claro sobre as medidas de prevenção. A resposta afirmativa da grande maioria reflete um compromisso com práticas que visam não apenas proteger a si mesmos, mas também a coletividade, essencial em uma pandemia.¹²

A análise dos dados revelou que apenas 16,43% dos participantes mencionaram a necessidade de evitar o contato físico como uma medida de proteção contra a Covid-19. Esse percentual aponta para uma possível lacuna no entendimento sobre a importância do distanciamento social, uma das recomendações mais enfatizadas durante a pandemia. Apesar de amplamente

divulgado, o conceito de distanciamento social pode ter sido mal interpretado ou subestimado por uma parcela da população, indicando a necessidade de estratégias de comunicação mais claras e personalizadas. Estudos demonstram que a eficácia das campanhas preventivas está diretamente relacionada à forma como as mensagens são compreendidas e integradas ao cotidiano das pessoas, destacando a importância de reforçar o entendimento integral das medidas, além do uso de EPIs.¹²⁻¹³

No que se refere à adesão à vacinação, os resultados mostram um cenário promissor, com 30,13% dos participantes relatando terem recebido cinco doses e apenas 1,36% declarando não terem sido vacinados. Esses números refletem um engajamento significativo da população em relação à vacinação contra a Covid-19, indicando uma boa aceitação das campanhas de imunização. Entretanto, é importante considerar que a alta proporção de indivíduos que receberam três ou mais doses também revela a necessidade de continuidade nas campanhas de reforço vacinal, especialmente à medida que novas variantes do vírus surgem e podem comprometer a imunidade adquirida.¹⁴

A diversidade na adesão vacinal, que incluiu indivíduos com até seis doses, ressalta a importância de um acompanhamento contínuo para garantir a proteção da população, especialmente em grupos mais vulneráveis. Estudos evidenciam que hesitações vacinais podem ser influenciadas por fatores como desinformação, crenças pessoais ou acesso desigual às doses de reforço. Assim, iniciativas voltadas à educação e à transparência sobre a segurança e eficácia das vacinas são essenciais para manter altos índices de cobertura vacinal e mitigar o impacto de futuras ondas da pandemia.¹⁴

Ademais, a lacuna identificada no reconhecimento do distanciamento social como medida preventiva e a variação na adesão vacinal apontam para a necessidade de integrar abordagens educacionais e tecnológicas na comunicação em saúde. A utilização de ferramentas digitais, como aplicativos e campanhas interativas em redes sociais, pode contribuir para ampliar o alcance das mensagens e garantir que elas sejam adaptadas às necessidades e características de diferentes públicos. Além disso, a articulação com líderes comunitários e influenciadores locais pode fortalecer a confiança da população nas recomendações científicas, promovendo um comportamento mais alinhado às práticas de saúde pública e, conseqüentemente, uma maior proteção coletiva contra a Covid-19.¹⁵

É pertinente considerar que a hesitação vacinal foi um tema recorrente ao longo da pandemia, e discutir este fenômeno pode ajudar a entender melhor as motivações que influenciam a aceitação das vacinas. Pesquisas futuras poderiam explorar em profundidade como informações contraditórias e a experiência pessoal

de cada indivíduo impactam a decisão de se vacinar ou não.

Os resultados mostram que 72,60% dos participantes relataram entender que o tratamento para Covid-19 é predominantemente paliativo, o que indica uma boa compreensão das limitações dos tratamentos disponíveis. No entanto, a ênfase excessiva em antibióticos (apenas 6,84% mencionaram seu uso) pode denotar uma falha na comunicação acerca do tratamento adequado, visto que esses medicamentos não têm eficácia contra infecções virais.¹⁶

A resposta à pergunta sobre tratamentos revelam áreas onde a conscientização precisa ser aprimorada. A informação errônea sobre o uso de antibióticos e o papel limitado dos tratamentos pode resultar em expectativas irreais e adesão inadequada a medidas de cuidado. Portanto, iniciativas educativas devem se concentrar em transmitir informações precisas sobre o manejo da doença.¹⁷

Conclusão

A análise final do estudo destaca a importância de compreender o que influencia o conhecimento e as percepções das pessoas sobre a Covid-19, destacando os avanços, bem como as lacunas na comunicação e prevenção. Embora a maioria dos participantes soubesse que a Covid-19 é um vírus que se espalha através de gotículas respiratórias, a persistência da desinformação, por menor que seja, aponta para estratégias de comunicação contínuas que atendem a diferentes definições de público. As campanhas de informação devem ser constantemente atualizadas para garantir que as pessoas recebam informações precisas e corretas com base nas mudanças no conhecimento científico, nos novos vírus e nas novas situações sociais.

A ambiguidade da vacina foi outro grande problema encontrado durante o estudo. Os diferentes tipos de respostas e mudanças a favor da vacinação refletem a complexidade do fenômeno, que inclui uma combinação de fatores como a desinformação, a confiança nas autoridades de saúde, as interações sociais e a experiência pessoal. A situação exige uma abordagem diferente e informada, tendo em conta os diferentes factos e opiniões da população. O envolvimento das autoridades públicas e a utilização de novos métodos de comunicação, como plataformas digitais e redes sociais, podem ser estratégias eficazes para combater a fraude e aumentar a adesão às vacinas, especialmente durante períodos críticos e campanhas de vacinação.

Em relação aos tratamentos para a Covid-19, os resultados mostram uma atitude positiva em relação ao tipo de tratamento, mas isso também significa que persistem equívocos como o uso inadequado de antibióticos. Essas descobertas garantem a necessidade

de continuidade das pesquisas sobre o tratamento adequado da doença, visando distinguir vírus de bactérias e determinar o papel dos antibióticos neste caso. A desinformação sobre os tratamentos pode prejudicar o controle das doenças e a eficiência dos cuidados de saúde, criando expectativas irrealistas e conduzindo à negligência médica.

Portanto, este estudo destaca a necessidade de fortalecer a comunicação em saúde, especialmente durante crises de saúde. A educação para a saúde deve ser vista como uma estratégia sustentável que capacita as pessoas e incentiva o comportamento racional e consciente. Isto exige não só a divulgação de informações precisas, mas também a criação de confiança nas instalações de cuidados de saúde, garantindo que os cidadãos se sintam protegidos e capacitados para tomar decisões informadas sobre a sua própria saúde e bem-estar. A construção de uma comunidade informada e sustentável requer programas educativos eficazes e colaboração entre governos, profissionais de saúde e comunidades.

Agradecimentos

Agradecimentos ao Programa de Produção Docente UNESA 2024/2025.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

1. Souza ASR, Amorim MMR, Melo AS de O, Delgado AM, Florêncio ACMC da C, Oliveira TV de, et al. General aspects of the COVID-19 pandemic. *Rev Bras Saúde Materno Infant* [Online]. 2021 [acesso em 2024 nov 6]; 21(suppl 1):29–45. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/8phGbzmbSsSynCQRWjpXJL9m/abstract/?lang=pt>.
2. Antenor S. Centro de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Sociedade. Gov.br [Online]. [acesso em 2024 nov 6]. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/182-corona>.
3. Anido IG, Batista KBC, Vieira JRG. Relatos da linha de frente: os impactos da pandemia da Covid-19 sobre profissionais e estudantes da Saúde em São Paulo. *Interface* [Online]. 2021 [acesso em 2024 nov 6]; 25(suppl 1):e210007. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/icse/2021.v25suppl1/e210007/pt/>.
4. Aragão, H. T., Santana, J. T., Silva, G. M. da ., Santana, M. F., Silva, L. N. M. da ., Oliveira, M. L. de L., & Melo, C. M. de .. (2022). Impactos da Covid-19 à luz dos marcadores sociais de diferença: raça, gênero e classe social. *Saúde Em Debate*, 46(spe1), 338–347. <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E123>
5. SANTOS, M. P. A. D., NERY, J. S., GOES, E. F., SILVA, A. D., SANTOS, A. B. S. D., BATISTA, L. E., & ARAÚJO, E. M. D. (2020). População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. *Estudos Avançados*, 34(99), 225–244. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.014>
6. Santana, A. D. da S., & Melo, L. P. de .. (2021). Pandemia de

- covid-19 e população LGBTI+. (In)visibilidades dos impactos sociais. *Sexualidad, Salud Y Sociedad* (rio De Janeiro), (37), e21202. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21202a>
7. Szwarcwald CL, Souza Júnior PRB de, Malta DC, Barros MB de A, Magalhães M de AFM, Xavier DR, et al.. Adesão às medidas de restrição de contato físico e disseminação da COVID-19 no Brasil. *Epidemiol Serv Saúde* [Internet]. 2020;29(5):e2020432. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000500018>
8. Pereira Neto A, Ferreira E de C, Domingos RLAMT, Barbosa L, Vilharba BL de A, Dorneles F de S, et al.. Avaliação da qualidade da informação de sites sobre Covid-19: uma alternativa de combate às fake news. *Saúde debate* [Internet]. 2022Jan;46(132):30–46. Available from: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202213202>
9. Bittencourt, A., & Hoelz, M.. (2021). SIMPÓSIO MUNDO SOCIAL E PANDEMIA. *Sociologia & Antropologia*, 11(spe), 261–435. <https://doi.org/10.1590/2238-38752021v11esp19>
10. Sampaio HA de C, Vasconcelos CMCS de. Medidas comportamentais de prevenção à COVID-19 e letramento em saúde. *Cad saúde colet* [Internet]. 2023;31(1):e31010233. Available from: <https://doi.org/10.1590/1414-462X20231010233>
11. Lisboa KO, Hajjar AC, Sarmiento IP, Sarmiento RP, Gonçalves SHR. A história da telemedicina no Brasil: desafios e vantagens. *Saude soc* [Internet]. 2023;32(1):e210170pt. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-1290202210170pt>
12. Pompeu E, Slovic A. Desafios da Segurança da Saúde Global em tempos de pandemia: O acesso a Equipamentos de Proteção Individual na crise da covid-19 . *Saude soc* [Internet]. 2023;32(3):e230331pt. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023230331pt>
13. Carvalho AAG, Aidar AL e S, Santos BC dos, Kuramoto DAB, Pereda MR, Correia RM, et al.. Recomendações de uso de equipamentos de proteção individual (EPIs) em procedimentos cirúrgicos durante a pandemia de SARS-Cov. *J vasc bras* [Internet]. 2021;20:e20200044. Available from: <https://doi.org/10.1590/1677-5449.200044>
14. Azambuja HCS, Carrijo MF, Pavarini SCI, Martins TCR, Luchesi BM. Fatores determinantes na adesão à vacina contra influenza em pessoas idosas de um município do interior de Mato Grosso do Sul. *Rev bras geriatr gerontol* [Internet]. 2021;24(3):e210205. Available from: <https://doi.org/10.1590/1981-22562021024.210205>
15. Silva GM, Sousa AAR de, Almeida SMC, Sá IC de, Barros FR, Sousa Filho JES, et al.. Desafios da imunização contra COVID-19 na saúde pública: das fake news à hesitação vacinal. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2023Mar;28(3):739–48. Available from: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023283.09862022>
16. Florêncio RS, Cestari VRF, Souza LC de, Flor AC, Nogueira VP, Moreira TMM, et al.. Cuidados paliativos no contexto da pandemia de COVID-19: desafios e contribuições. *Acta paul enferm* [Internet]. 2020;33:eAPE20200188. Available from: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020AO01886>
17. Aquino DS de. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade?. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2008Apr;13:733–6. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232008000700023>